

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

DR. MANUEL DE ARRIAGA

Veste crepes a Republica Portuguesa.

Na madrugada do dia 6, evoluiu-se aos páramos da Eternidade o espirito nobilissimo, que animava essa veneranda figura de alto relevo moral que era o sr. dr. Manuel de Arriaga.

Primeiro Presidente da Republica Portuguesa, ele foi também, durante toda a sua existencia, a encarnação viva da lealdade, da honra e do altruismo da nossa raça.

Erraria na sua forma de visionar o engrandecimento do regimen?

Embora! Acompanha-nos a certeza moral de que, pelas excelsas, virtudes que aformoseavam o seu caracter diamantino—ele—o morto illustre cujo passamento enluta a grande Alma Republicana, foi sempre um grande patriota e um grande homem de bem, que deve tomar-se como exemplo de abnegação e de sacrificio ao seu Ideal de sempre!

Sobre o seu cadaver lançamos as singelas flores da nossa saudade por esse bondoso Visionário, que passou a travéz da existencia lutando pela Republica e engrandecendo-a e ilustrando-a com o seu nome honrado de obreiro incansavel e com a sua palavra de ouro de grande propagandista.

A proposito do falecimento do dr. Manuel de Arriaga, escreve o «Primeiro de Janeiro» nosso brilhante colega portuense:

A alta individualidade do dr. Manuel de Arriaga, primeiro presidente da Republica Portuguesa, ontem falecido, simbolisava, dentro do regimen, a aspiração conservadora duma republica burguesa, apoiada nas classes médias e vivendo dentro do respeito de todas as liberdades politicas, e da tolerancia por todas as opiniões religiosas. O seu penultimo acto politico de legitimidade, discutivel sob o ponto de vista estreitamente constitucional, foi um golpe de mão contra as tendencias radicais da democracia portuguesa. Vencido, terminou a sua vida publica pela renuncia do mandato presidencial, perante a impossibilidade de orientar no sentido conservador a politica geral do Estado. Quem de perto conheceu o eminente homem publico, sabe que ele, até a sua ultima hora, manteve a convicção absoluta de que as instituições politicas em Portugal, quaisquer que elas sejam, tem de apoiar-se nas classes médias conservadoras, convicção em que o acompanhou, durante toda a ditadura pimentista, com inteira e exemplar lealdade, o sr. dr. Antonio José de Almeida. Os tempos passaram, as vicissitudes do poder, abalaram os homens, mas a veneranda figura de Manuel de Arriaga, o maior dos vencidos do 14 de Maio, ficou e ficará, a despeito dos seus erros, como a encarnação de todos as aspirações a uma republica conservadora, moderada e tolerante.

Nobres e verdadeiras palavras estas!

vibrantes saudações pelas flôres com que homenageou a querida memoria do Mestre.

«Palmadinhas nos Carecas»—a revista, é constituída por dois actos, quatro quadros, um prologo e uma apoteose, que se veem e escutam com o maior agrado.

Foram felicissimos os auctores. As situações primas pela leveza e a critica tem toda ela como que uma graça fluida que se dilue facilmente, deixando a mais agradável impressão.

Ha versos lindos, que ficaram ovidio e charges que marcam em graça e fôrça. Entre elas—para começar cá por cá: «aguiela» com que fomos brindados e que nos deu o inapreciavel gosto de ver o nosso presado amigo sr. Lyster Franco, triste como um cipreste e tristes, recitando uma engaçadíssima paródia do «Noivado do Sepulcro».

José Mousinho, o nosso sózio do tablado, houve-se distintamente, dizendo com muita naturalidade todos os versos, apresentando uma caracterização magnifica e tendo levado a sua meticulousidade scenica até ao ponto de arranjar uma bengala que era exactamente a nossa!

A charge «Fidias» também muito graciosa e finalmente interpretada por Corvo Mendes. As engaçadas criticas a «Gadelhinha», «Dianinha», «Ignorato» e «Charlot», interpretações de J. Marques, muito bem.

J. de Brito, na «Alta Roda», «Zé de Faro» e «Estudante Antigo» foi consciencioso e mereceu aplausos.

Alfredo Cunha deu-nos um magnifico «Breuhas» e um «transeunte» delineado com firmeza e graça.

Entre os inumeros de musica notamos a canção «Ser Estudante», cantada com muito sentimento, por Ales Maria—A «Marcha das Normais», o gracioso quarteto da «Miraninha», o baile de roda do quadro «Noite de S. João»—em que brilha acentuadamente a nota regional, e as coplas das «Sopreirinhas» e o baile infantil, que foram justamente applaudidos.

O mesmo aconteceu a «Canção Algarvia» ao «tercello dos jornais», e a muitos outros numeros, porque todos são minimos trechos de graça scintillante, ou inofensivas «charges» sempre agradaveis e aprasiaveis.

O desempenho satisfaz, valentando-se distintamente alguns dos improvisados «comediantes».

Mademoiselle Albartina Cunha disse com impecavel distincção os lindos versos «Alma da Patria» minoso trecho poetico, dos mais lindos da peça, em que parece arfar uma palpitação magnetica que nos convulsiona de entusiasmo...

Mademoiselle Juliette Cabeçadas, que possui uma voz lindissima, de agradável timbre e pura «sonoridade», cantou primorosamente as coplas da «Luz elastica», da «2.ª sopreirinha» e da «Canção Algarvia», merecendo muitos aplausos.

Mademoiselle Maria Areia, figurinha diáfana, Seixas animado, também cantou a primor, em dueto com José Sancho, o «Fado Senenata», a «Canção Algarvia» e as coplas da 3.ª sopreirinha, sublinhando-as com muito fina graça.

Mademoiselle Natalia Limão muito bem em todos os seus numeros e Mademoiselle Maria Rato deu-nos uma «Chica» muito lépida e sublinhou muito graciosamente as coplas do jornal «O Herald»—o jornal das Senhoras—apresentando-nos um belo «travesti» de garoto, malicioso e insinuante.

A musica de J. Lago, levemente ritmada em melancolia, tem lindos trechos, que foram ouvidos com agrado, obtendo muitos aplausos. A encenação, de Paula Santos, boa, á altura dos seus créditos de distinto amator dramático.

Caracterizações magnificas, algumas representando com extrema fidelidade os criticados. Emfim, a peça deixou as melhores impressões em todo o auditorio e auctores e interpretes colheram fartos, vibrantes aplausos.

E muito bem merecidos. O dr. Silva Nobre e José Dias Sancho, os auctores da interessante revista, deram-nos em belas horas de aprazivel entretenimento á prova incontestavel, espiritalizada em finissima parva, de que são eximios nessa arte difficilissima, que consiste em gracejar sem ofender, sabendo provocar uma eclosão de gargalhadas sem que, dissipadas elas, fiquem sangrando as midulas do despeito.

Douzi os felicitanos muito sinceramente, pelo seu magnifico trabalho e pelo exito obtido.

LYSTER FRANCO,

Festa de caridade

A illustre comissão promotora da brilhantissima festa de caridade realisada em dia 28 de Fevereiro ultimo, no Cine-Theatro-Farense, a favor do Sanatório para Empregados Ferro-Viarios em S. Braz de Alportel, teve a gentileza de oferecer a esta redacção um exemplar do interessante livrinho «Coração Algarvio» brilhantemente collaborado pelos poetas desta provincia em comemoração daquella simpatica festa.

Valorisam o exemplar que nos foi oferecido, as assinaturas autografadas das Ex.ªs, Senhoras:

D. Ana de Bivar Cumano; D. Henriqueta Cortes Ferreira de Sousa; D. Maria Isabel do Rio de Carvalho; Cochoado Martins; D. Maria de Jesus Nogueira Aguiar; D. Laura Brito de Bivar; D. Palmira de Sousa Monteiro e D. Maria Francisca de Sousa.

E a dos srs. D. Bernardo da Costa Mesquita; Manuel Dias Monteiro, e Schiappa Robi, que constituiram a benemerita comissão.

Agradecemos, penhoradissimos.

A Favor da Misericórdia

Como dissemos, é amanhã que tem lugar, no Cine-Theatro o espectáculo a favor do cofre da Misericórdia e hospital de Faro. A recita, que é promovida pela mesma illustre e benemerita Comissão que realisou o espectáculo para o Sanatório dos Almargens, consta da repetição da comedia peraltas e secias, côros, reprodução viva de quadros e concerto pelos notaveis artistas portugueses, os srs. João Passos violoncelista; Pavia de Magalhães, violonista e Varela Cid pianista que gentilmente se ofereceram e de Lisboa veem expressamente para tal fim.

A regencia da orquestra está, como no anterior espectáculo, confiada ao sr. Rebelo Neves.

O espectáculo começa ás oito horas e tres quartos, e os bilhetes que restam devem ser procurados no escritorio do Theatro.

A GRAÇA ALHEIA

A IRONIA DE GARRETT:

Gomes de Amorim conta nas suas interessantes «Memorias» sobre Garrett, a seguinte «anecdota passada entre o illustre autor das «Viagens na minha terra» e o deputado Leonel Tavares:

«Entrando na camera, achou Leonel falando. No momento de abrir a porta exclamava o orador:

—Sr. presidente, dizem todos os publicistas...

Igoorando absolutamente de que se tratava, o poeta, caminhando para a sua cadeira, disse em voz alta:

—Não são todos.

Sobressallado com a interrupção, emendou Leonel:

—Sr. presidente, dizem muitos publicistas...

—Tambem não são muitos, replica o cruel interruptor, prosseguindo serenamente no seu caminho.

A camera já ria a bom rir. Muito desconcertado, a vitima lança ao poeta um olhar indescritivel, e torce:

—Sr. presidente, dizem alguns publicistas...

—Diga quais são, volta sentando-se o implacavel zombeteiro.

—Pois bem, sr. presidente, digo eu...

—Ali! isso agora é outro caso. O senhor pode dizer o que quizer.

Presidencia, camera, galerias, rompera tudo em gargalhadas, sem que fosse possivel manter-se a gravidade do logar durante alguns instantes.

O Temporal

Durante os primeiros dias da semana, foi esta cidade flagelada por um dos maiores temporais que temos visto no Algarve. Vento, chuva, trovoadas, nada faltou para encher de fealdade aqueles primeiros dias de Março.

O Poeta João Penha

A revolução dos Coimbrões fora platonica, filosofica; a estranheza dos assuntos das poesias de Antero de Quental e de Teófilo, quasi sempre metafisicos, transcendentes e nebulosos para a maioria dos leitores, apavorou os tímidos, agastou os antigos, desanimou os principiaes. A poesia caíra em desanimo e numa hesitação extraordinaria, sintomas tristissimos que se dissiparam com o aparecimento da *Folha*, periódico, dirigido por João Penha.

A *Folha* foi um acontecimento: acreditava muita gente que a poesia morrera, que já não havia mocidade, que o riso acabara, e vai, seão quando, de subito, inesperadamente, appareceu no horizonte literario um poeta, cujo nome era ignorado nas regiões officiaes, realisado todos os predicados para atrair as vistas e grangear aplausos; não era futil, não era banal, tinha verva, inspiração, uma larga veia humoristica, original e espontanea; sabia manejar o verso como um mestre, dando-lhe relevo, graça, harmonia, e musica, e conhecia na ponta dos dedos os processos, as formulas, o difficil contra-ponto dessa arte que com tanto desamor fora tratada pelos poetas revolucionarios.

João Penha, cujo viver vagabundo e divertido tanto se assemelha ao velho poeta francês do século XVII, Saint-Amad, revelou á fogosa indisciplinada de um *goître* as altas e serenas qualidades de um mestre.

Sim, um mestre e um director, que duvida! Havia exuberancia de ideias, de filosofias, de sistemas, mas a forma, o gosto e o estilo não estavam definitivamente determinados: ao renovamento das ideias, não correspondera o renovamento da forma literaria.

A João Penha, parece-nos, se deve o completamento da obra dos que com tamanha iotrepidez deram impulso á nova corrente poetica. Não exageramos: de 1868—aparecimento da *Folha*—para cá, vejamos se não encontramos nos poetas portugueses um notavel progredir na laura, no valor e na perfeição nítida do verso. E' incontestavel neste ponto a influencia de João Penha.

Façamos justiça: João Penha foi quem revocou á vida o soneto; esse precioso vaso antigo, dentro do qual caíram as lagrimas dos poetas, que sonberam amar e padecer, de Petrarca; de Shakespeare e de Camões, esse molde moído pelos bocagãos e esportado pelos românticos, achando um poeta do *Vinho e Fel* um orador extremoso e entusiasta, foi de novo e definitivamente implantado entre nós, sendo cultivado hoje por todos quantos metrificam em linguagem portugueza.

E' nos perfeitos e correctos sonetos de *Vinho e Fel*, de que daremos amostras adiante, que se revela a nota original e caracteristica do poeta. Foi com estes admiraveis sonetos, que ele acordon e excitou a atenção da critica contemporanea, que o recebeu com entusiasmo e jubilo; foi com eles que João Penha logrou alcançar aquilo que todo o poeta e artista ardentemente ambiciona, quer dizer, dar ao gosto literario uma sensação desconhecida e nova.

Taine, o eminente critico, afirma que um grande escritor é aquelle que teodo paixões, sabe o dictionario e a gramatica.

Ora João Penha, sabia o dictionario e conhecia perfeitamente a gramatica, e teve paixões—sofreu, amou e padecer. Sobre a veste, ligeira e faeta dos seus primorosos sonetos sente-se estremecer um coração no marmore, explendido daquelas estatuas, que parece que se contorcerem numa expressão de alegria-brutal e doida, como a *Dança* de Carpeaux, escorrem e se cristalisam lagrimas de sangue.

O estilo perfeito desses versos, as suas rimas opulentes, a sua forma impecavel, são predicados que, quando muito, fariam de João Penha um versificador habil e de uma execução completa, um curvies da palavra, obstinado e pociote, mas nunca o elevariam á plana de um poeta, na alta accepção da palavra.

Não, ele não proscreveu dos versos a eloquencia, a alegria, a paixão, o entusiasmo, e a melancolia; o seu entusiasmo, porém, é sincero, a sua eloquencia, a sua alegria, a sua paixão têm o cunho de verdade, a sua melancolia é masculina e viril.

Crónica citadina

A HOMENAGEM

A JOÃO DE DEUS

Revestiu invulgar brilho, este ano, a homenagem da mocidade estudiosa ao imortal Poeta João de Deus.

Para o effeito, organisou a simpática Associação Academica do liceu João de Deus uma recita, cujo programa, constituido pela revista «Palmadinhas nos Carecas», vinha de ha muito espicaçando á curiosidade indigena.

Uma revista da critica ligeira aos costumes nem sempre bons, da sociedade citadina! Irreverencia!

Quem ousaria abalar-se a tamanha empreza neste meio especialissimo que é Faro e onde, até ha bem pouco tempo, nenhuma «charge» ou gracejo deixavam de ser tomados como ofensas ou desacatos? O problema parecia insolavel e ninguém acreditava que fossem capazes de resolve-lo os sr. dr. Silva Nobre e José Dias Sancho, os laureados auctores da interessantissima revista.

Pois resolveram-no e a primor, distintamente, em dois actos ligeiros, polvilhados de ironia finissima e repletos de bellas «charges» tão bem urdidas e graciosas que os alvejados eram os primeiros a aplaudi-las, rindo a bom rir do ar caricatural dado ás suas personalidades.

Os ditos chistosos garabulhain, diluindo esfusante alegria, que estrondosa em gargalhadas sonoras, francas, sádias, das que desopilam o fígado e higienizam o espirito, e não jalta a nota sentimental, sempre fraduzida em lindos versos, unidos de inspiração e como que impregnados pelas emanações subtilissimas dos amendeirais floridos.

Mas... façamos uma ligeira resenha de festa, que mais nos são consue a indole destas crónicas nem a estreiteza do espaço com que lutamos.

Executado o Hino Academico pela orquestra, distintamente regida pelo professor sr. Vilamariz, o ensaiador da parte musical, e proferida uma breve alocução pelo Presidente da Academia, usou da palavra o professor sr. Costa Cabral, apresentando ao numeroso auditorio um bem elaborado estudo acerca de João de Deus, estudo que á irreverencia de parte da platéa prejudicou dando-nos a pessima impressão de que preferir ver «Polidoro», «Max Linder» ou «Salustiano em casa da Sogra» a ouvir falar de João de Deus, a mais lidima gloria literaria desta provincia.

Magnoi-nos o facto, e sentimo-lo porque as palavras do illustre professor nos estavam despertando as nossas risonhas recordações dos 15 anos e desse dia glorioso para a mocidade academica portuguesa—8 de Março de 1895,—em que, numa espontanea romagem de estremecida admiração, fomos com Alfredo Serrano, Ildio Amado, Marreiros Neto e outros—tantos já mortos!—encher de flores a modesta vivenda do Poeta!

E, perante aqueles rumores insólitos, aquela desateção irritante, o nosso espirito, transportando-se ao Passado, como que ouvia aida o zumbido imbecil dos garotos de Lisboa, á volta da hoste academica, que pavia vibrante de enthusiasmo a sandar o Poeta, tripudiando, gritando nos estupidamente:—Olha!... não levar flores ao João dos dedos!

Não! Decididamente urge divulgar nesta cidade um celebre livrinho intitulado «Parece Mal», onde ha certos preceitos muito utilisaveis para quantos não pretendam ser «gentilemans» apenas pela altura dos colarinhos, pelo escanhoado da face ou pelo corte adelaidinhado, «denier cri» dos casacos e abafos.

Perdoem os leitores, esta sabatina feita por quem só é algarvio pelo coração, aqueles algarvios «pur sang» que não souberam escutar cheios de comorido respeito a biographia do imortal lirico do «Campa de Flores».

Para o sr. Costa Cabral as nossas

A ELA

Diluído de estrelas palhetado,
Hora-luz de sonho esvoaçante,
Mostra-me o Tempo Encantado
Onde se oculta a minha Amante!
Dize-me cá,
Onde Ela está!

Olhos divinos, tam sorridentes
E sempre tristes! Pôde lá ser!
De tais prodígios surpreendentes,
Só é capaz uma Mulher!...
Rei-de-eucontra-la,
Só para adora-la!

Lábios pelúcia, selim molhado,
Côlo de neve, carne auroral,
Teuho meu espírito aprisionado
Pelas Suas risadas de cristal...
(Ouvir-A rir,
Mas a dormir...)

Crinalda viva, tam delicada;
Dilúo, essências estonteantes,
Veste de purpura auri-lavrada,
Fulgura em pérolas e diamantes!
Quanto fascina
Sua luz divina!

E' Ruiva? Pálida? Morena? Louca?
Não sei! Souho-A Perfeita e Divinal,
Linda de encantos, Cristã ou Moura,
Ela é, enfim, o meu Ideal!
Quem A merecesse!
Quem A tivesse!

Noivar com Ela brilhos de libama,
Feito Belirio, Beijo-Perfume,
Ser eu a Luz, sendo Ela a Chama,
Da Vida Eterna errante-Lume!
Dormir! Sonhar!
Sem acordar!...

Porto, Fevereiro 1917.

VIVINO.

Impossível

D. Kabei Costa

A's vezes, ainda,
Por mim desliza,
A sombra de uma idá;
Sonha e repisa.
Mas não para,
Em nada finda!

Enlão o fumo,
Envolve e encobre,
O sonho do Aléu,
A luz amotice;
Arastando-me para onde
Não para ninguém.

E assim me sumo
Onde tudo se esconde...

Porto, II-1917.

A. QUEIROZ.

Perfume da cor

A Miss Edith

LOUÇO DELUZ.

Meia Noite—Catedral!

As torres gemem tristes:

No átrio os meus passos espelham sombras brancas.

O ar demora em resar

...no longo sobrio colunas de fumo raso.

O Silêncio pesa em nós!

Corridores de tulo negro...

Em orgão a minha alma chora...

Gravos brancos—mauá...

Chega a minha Dó: parto em tédio para mim!

Miss Edith!... Miss Edith!

Ideal! Ideal!

Disco de cores endoncem em som,

Montanhas d'ouro reluz de perfume!

Lagos... Lagos... Lagos...

Agora é Sol.

Ballados—Oriente...

Sorrisos—Música...

Corpos—Flores...

A Glória! A Glória!

Perfume do luar de logo—

—Espasmos—Luz.

Como ou te desejo Toda—Luz.

Beijo: quero sorrir-me, ser tencido!

Amanhã! Amanhã!

...a separar-te n'uma tarde de Abril, em pavilhões

d'ouro: E tu n'uma virá...

Vorliger em cor irreal, e só o teu

portuho a meus lábios.

O luar de tanta balia em saudade, a minha alma doente.

Faro, 1-3-1917.

NESSO.

Nota da Redação

Ficam em nosso poder alguns escritos em prosa e verso dedicados a Miss Edith e que a absoluta falta de espaço com que lutamos nos impede de publicar neste numero.

Que a gentilissima Senhora e os nossos prezados colaboradores nos desculpem.

CREPUSCULOS...

A Horacio

Faro, aos 5 de Fevereiro de 1917.

Castelos ululantes de marfim!
Sáhara de Ilusões
Sonhar! Sonhar!

9 de Fevereiro

Sinto que minha alma se descompõe em
pequenuissimas células de Oiro...
De Oiro... Sim... porque eu sô Oiro!

Meu pensamento evolva-se em aspirais
de aço...
De aço... Sim... porque eu sou aço!

14 de Fevereiro

Galeras fluctuantes, com velas de Tu-
le, navegando em Mar de purpura, sosso-
bram ao peso das minhas Ilusões!...

E' quasi Amanhã!...

19 de Fevereiro

Mais um passo para a Realidade...
E tudo é fumo...

Oceanos de Torqueza, Himalais de Ame-
lista, Florestas Negras de Amaranço,
Nilos de Champagne, Londres de Opala,
Karnacs de Rubim, Campos Elisios de Aga-
ta, Boulevards de Coral...

24 de Fevereiro

A Sibéria! A Sibéria!

O Sol agoniza envolvendo tudo num zafiro
tenebroso...
...E Eu gosto do Sol porque Ele agoniza!

O céu em fogo

Sá Carneiro! Sá Carneiro!
«Tu sim, Tu és Alguém»

1-2 de Março

E' meia-noite! A Voz do Silêncio!...

A Luz da Escuridão!...

Pubres castelos de marfim!

Sáhara de Desilusões...

Positivismo! Positivismo!

Encadernações de percalina, brochuras
baratas, alfarrabos!... alfarrabos!

FONTANES.

Inter-Sonho

Ao Nesso

E' um anjo loiras, ascendendo o espaço,
Qu'ha bocas 'smogadas, raivas (reais),
Qu'ha carnos que s'entrem em epismos d'ago
Almas que s'elovem as regiões astrais!

Vontades d'emigrar para o peito qu'rido,
Em Matéria e Alma ali se condensar;
Serem os poucos a Corpo apalido,
Abil... 'smagat... torcer... 'smogadag...

Moles os Sentidos do clorido amplexo,
Ternida toda a Alma, extensa já sem nexo,
Os pensamentos loiros 'svocam pelo ar...

Ha só enlão n'alma o pallido reflexo,
De tudo que oscilou, e n'alma a quimer!
E na boca, seca, um rulto palpitar.

Faro, 12-3-1917

GREVASIO.

Uma Carta

Hustre Redactor:

O alvinente acolhimento dulcido com que Vos-
sa Excelencia franqueou o seu apreciabilissimo
Heraldo ás aspirações espiritualizantes dessa No-
va Ala de Namorados do Nucleo Futurista Algar-
vio, incita-me, quebrada em anseios, a escrever-
lhe, solicitando-lhe a premissa para uma modestis-
sima composição, decerto inválida, mas que
ambiciono publicar, por ser um braço vemente
saudando a Nova Arte.

Se me conceder a honra que demando, eter-
nalmente será duradoura e minha gratidão.

Com penhorada estima.

De V. Ex.

Grande admiradora

NEBLINA.

Saudação aos

Futuristas

Minha Alma em Sol Posto ajoelhada;
Anulá-se de esperanças de Luar,
E presencie a Nova Aurora suspirada!

Vasto rumor de Sonhos coloridos,
Rendas, desmaios, nancios do pensar!
Vidrilhos translucidos, esmeçados...

Esposmos enervantes de Delirio!
Pirilampas-flores, almas a esgarçar!
Astros-Saudade, que desfolham Lirios...

Miss Edith, Horacio, Nesso, Belmino!
Estêr, Fontanes, A. de Queiros, Vivino!
Inspirações cavalheiros de Luar,
Aceita as flores do meu capilar!

NEBLINA.

Antologia do Algarve

POESIA

A UM AMIGO

Eu, que conheço a vida, porque amei,
Eu, que conheço o amor, porque sofri,
Insisto no conselho que te dei:
Defende-te de ti.

Sentes bater no peito o coração,
E nem tu sabes que inimigo é esse:
Tu és precisamente, meu irmão,
Quem menos te conhece.

«Desgraca ao homem que viver sózinho!»
Diz o Ecclesiastes ao humano po...
Mas inda é esse o teu melhor caminho:
Meu irmão,—vive só.

JULIO DANTAS.

PROSA

CONTOS E NOVELAS

O LOUCO

No seu olhar vitreo, de um brilho de
água estagnada, luziam por vezes cláres
sinisfros; mal falava, tinham-no em casa
por "compaixão" e também pelo vago re-
ceio de que pudessem maltrata-lo no hos-
pital.

E ele para ali ia vivendo, entre a fami-
lia, completamente alheio ás tristezas e
alegrias.

Vivia retirado no seu quarto, não tinha
lugar á mesa das refeições e a sua exis-
tencia passaria despercebida, se de vez
em quando, não viesse, alquebrado e trê-
mulo, precocemente envelhecido, passear
ao longo da varanda, num passo incerto,
vagaroso e espectral.

Sem dizer palavra, deslizava qual som-
bra através dos aposentos, a face assimé-
trica levemente amarelada e os olhos es-
trabícos ora divagando febrilmente, ora
detendo-se sobre pessoas e coisas numa
fixidez mórbida, doentia...

As vezes, parava junto das flores, col-
hia algumas brutalmente e mastigava-as
numa furia em que transpareciam instin-
tos bestiais.

A boca, contraída num rictus desde-
nhoso, estava quasi sempre cheia de es-
cuma que lhe branqueava as commissuras
labiais.

As mãos, que tateavam hesitantes, cris-
pavam-se ás vezes, fortemente contraídas,
em convulsões paroxismicas...

Isto nos dias melhores. Nos dias peo-
res não aparecia. Dominavam no terror
vagos, um grande medo da luz e não ou-
sava sair do seu quarto, escondendo-se
debaixo do leito, envolto na roupa da ca-
ma, com tal pericia que parecia uma per-
fecta mumia egipcia.

Eram então grandes trabalhos para
dar-lhe de comer e não raro os creados,
tinhm de agarrar-lo, manietar-lo, amar-
rar-lo a uma cadeira, obrigando-o a engo-
lar a comida que á força lhe metiam na
boca, aberta por fortes pressões no ma-
xilar e por lhe taparem o nariz, impossi-
bilitando a respiração.

Era um espectáculo medonho, aquele!
De rosto convulsionado, os olhos fulgu-
rando como carbúnculos, ele gritava fu-
rioso, mas os sons saiam-lhe roucos, in-
tercortados pela forçada introdução dos
alimentos!

Uma agonia supplicante, inesquecível,
aquela em que se debatiam aqueles inúteis
vinte anos!...

Depois, passada a furia, caia num gran-
de tropór e dormia profundamente, du-
rante horas esquecidas.

Por vezes, despertava saltando garga-
lhadas estridulas, arrepiadoras, que abis-
mavam em terror quantos os ouviam.

A creadagem fugia d'ele e, desde que
uma das creadas experimentara um dia
a pressão brutal dos braços do louco, que
a abraçara numa furia, era um castigo
arranjar moças que se prestassem a ser-
vir naquela casa opulenta, apesar da boa
paga e da grande vigilancia que se exer-
cia em volta do infeliz.

Só Antonia, a irmã do inditoso, tres-
anos mais nova do que ele, nenhuma re-
luctancia tinha em aproximar-se do triste,
que sossegava sempre ao ver junto de si,
sorridente e meiga, aquela encantadora
morena, de rosto lindo e olhos ilumina-
dos pelo fulgor dos seus olhos.

Muitas vezes, ella própria vinha dar-lhe
de comer, amimando-o, dizendo-lhe pala-

bras cheias de carinho, repassadas de
ternura e afagando-lhe muitas vezes o
rosto com as suas mãos pequeninas!

E já por várias vezes o médico reco-
mendára prudencia, lembrando á Anto-
nia que acarinhar um louco é tão perigo-
so como domesticar uma fera, visto que
eles em furia a ninguém respeitam.

Antonia, sorrindo, ás instantes reco-
mendações do médico, apenas respondia:
—E' meu irmão, senhor doutor!

A incomparavel beleza de Antonia dar-
lhe-a auras de celebridade se ella não
fosse tão modesta.

Morena, esbelta, os seus olhos eram
negros, de uma indefinivel expressão tris-
te e tão suave que captivava quantos a
fitavam.

As feições eram correctissimas, não
minto afirmando que nos seus lábios ha-
via finissimos tons de purpura e trans-
parencia de coral.

Elegantissima, as suas mãos eram fi-
nas, alongadas, como que esculpidas em
ambar louro.

Dócil, patientissima, ás vezes sentava-
se ao piano e, durante horas seguidas,
distraindo o pobre louco, fazendo-o escutar
as composições dos mais afamados maes-
tros.

E ele, fera domesticada, quasi sempre
acabava por adormecer, envolto no ma-
rasmo da vesania...

Pleno verão. Céu muito azul e um ca-
lór de fornalla a esbrazear tudo.

Com o calor, o louco passava peor. As
crises tornavam-se-lhe mais repetidas; os
acessos mais frequentes e já o velho mé-
dico alvittrara, depois de profunda medi-
tação, que o melhor seria internar o ra-
paz num hospital ou numa casa de saú-
de, onde as prescrições da sciencia seriam
mais rigorosamente cumpridas, tornando
propicias as desejadas melhoras.

Foi um dia de lagrimas naquela casa!

Os pais do infeliz de maneira alguma
aquiesscam aquella determinação do mé-
dico e Antonia opoz-se terminantemente
a que o levassem.

Coitado! Que culpa tinha ele? Resta-
va-lhes apenas redobram de cuidados
para com o infeliz e revestirem-se de pa-
ciencia para lhe sofrerem as impertinen-
cias mórbidas!

E o doido continuou a permanecer em
casa...

Mas o pobre peorára.

As suas fúrias repetiam-se agora duas
e tres vezes por dia. Aumentara o seu
horror pela luz. Dir-se-ia ter perdido o
uso da fala, pois apenas soltava sons
inarticulados e guturais, lembrando o
bramir das feras; nos seus olhos estrabi-
cos ardiam agora, constantemente, uns cla-
rões de raiva, umas brazas de ódio, que
pareciam querer atear num incendio des-
truidor tudo quanto o rodeava.

Retusava o alimento, que lhe serviam e

O Vinho e Fel, poemeto de quarenta ma-
gníficos sonetos, é a tradução do amor do-
loroso de um amor leal e profundo, o primeiro
e o unico da mocidade do poeta, e ao mes-
mo tempo a esplendida revelação do mais
insigne humorista dos nossos dias.

Os sonetos do Vinho e Fel começam qua-
si sempre numa queixa, um brando mur-
múrio amoroso, numa doce expressão de
vaga tristeza, e quando o leilão vai seguin-
do a leitura, curioso, quasi embevecido, de
subito, bruscamente, ouve estalar uma ri-
sada, e escuta uma frase rabelisiana e uma
imprecação irônica e sarcástica.

Transcrevemos alguns desses sonetos,
por dois motivos: porque nem todos os lei-
tores da Renascença conhecem esses versos,
e para que não julguem que exageramos os
meritos do poeta.

Ei-los:

A doce paz tranquilla e a segurança,
Em que eu levava a calozia mocidade,
Foram meus num céu de tempo, e
Que deles ninguém sabe ou tem lembrança.

Pobre de quem na vida se abalança
A amar com fé, e alma, e liidade!
Em longo vau de triste escuridade
Vera perdida a limpida bonança.

Oh! que não tenha um coração amigo,
Que me aleje do paraiso terrestre,
E me acompanhe ao fúnebre jazigo!

Dá-me esse onagro de vigor Silvestre,
E os odres pandos, oh Siléu amigo!
Escalme-me a dor; só tu és mestre!

Nunca do amor a resplandecente chama
Te julgou a lucida pupila;
No meu romance, placida e tranquilla,
Jamais luto mulher, porque era dama!

Da vingança pensei no torro diam,
E nas ancias vivi de quem vacila;
Vi-te feita de barro, ora de argila,
Fragil testatua em pedestal de laza.

E caminhei nas sombras da escuridade
Inerte caza do que me cercava
As rochas da parida mocidade!

E a caminhar no escuro sem aurora,
As páramos cheguei da solidão,
Triste de quem na vida é só chora!

Quando acordou em teu jardim florido,
Te vi surto das aguas murmurantes,
Postas as mãos nas pedras capilantes,
Só ao vento o cabelo humedecido;

E, sorrindo-te, o corpo enfiado
Reclinado nas ervas ondulantes,
Dando-me assim aos olhos curvantes
Uma estalua de marmore polido;

Não tive como a santa Biblia conta,
As ideias dos lubricos jures,
Vendo a tua Suzana, que se afronta.

Desejei-me nos barbaes palcos
Dos canibais, e tive a ideia tonta
Do selvagem voraz: não te horrorizes!

Montei na baite por tal desgraca
Não foi de vinho que fiquei repleto;
Mas desse imenso, arrebatado alio,
Que as almas tenço, os corações enlaga

Fiz-me como o raio quando para,
Feste no monte o solitário abalo:
Agora vivo desse amor secreto
Eis-la quebrada a generosa laza!

Foi-te o tempo das sorridas orgias:
Unido á bela, em marital sossego
Vão dentro em pouco deslizar meus dias.

Sofa a torrente um placido Mondego:
A minha laza—um copo de ignas liras
O meu beio—o prasmio de Damgo.

Que seria de mim, uesta anciedade,
Sem a laza que os animos esleia,
Que nos transponta em dias de tormenta
Para longe da trieta realidade!

Essa mulher gentil, que sem piedade,
Por mim fingia uma paixão violenta,
Ri-se agora do amor que me atormenta
Ei-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia modelando-me no Oileo,
Ou no Siro feror, que a lrova canta,
Tirar-lhe a vida a golpes do cutelo.

Mas em lugar de sangue a loria lenta,
Derammos nestra alma o licor belo,
Que do Pampano brota e a vida encanta.

Em todos os versos de João Penha, que
são como que o poema da sua mocidade,
palpitam, estremecem, gritam, ecoam, ulu-
lam com uma verdade intensa e profunda,
as dores, os desaleutos, as cóleras, as ri-
sadas, e a indignação do poeta e do amante.

Continúa.

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1808
VERDADEIROS

Grãos de Saúde
do **D. Franck**

(VERITABLES GRAINS DE SANTÉ DU D. FRANCEZ)
En todos os Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIO:
D. DELGANT, 15, Rua dos Sapateiros, 110000

evorava como um esfaimado todas as fides da varanda!

E não havia forças que o contivessem. Rasgava o fato com as unhas e por vezes fôra encontrado a morder numa fúria paroxística a carne dos próprios braços!

Estava, então, medonho! A boca sangrenta escumava, os olhos rebrilhavam sinistramente; dir-se-hia uma fera, uma dessas criações da antiga Mitologia, um demônio terrível a debater-se em incessantes fúrias!

Os seus berros atroavam toda a casa, levando longe, muito longe os brados daquelle incurável desespero!

Então Antonia, tentando apaciar a fúria do louco, dirigiu-se-lhe chamando-o, amimando-o, pedindo-lhe carinhosamente, brandamente, com lagrimas a velarem-lhe os lindos olhos, que sossegasse, que se aquietasse... como se ele pudessem entendê-la!

Chegou mesmo a aproximar-se d'ele, a afagar-lhe as faces congestionadas, e a tentar limpar-lhe a escuma dos lábios com a cambraia fina do seu lenço de rendas.

Foi, então, horrível o que se passou! A quella aproximação da linda irmã, a fúria do infeliz redobrou; a crise tornou-se violentíssima. Dominou-o completamente o instinto genésico.

Enlanchou a um amplexo bestial e, antes que a formosa menina tivesse tempo de gritar, estrangulou-a num grande abraço de volúpia!

Assim morreu Antonia, a linda morena dos olhos tristes!

LYSTER FRANCO.

POR ESSE MUNDO

As deportações belgas

O ministro dos negócios estrangeiros da Bélgica no Havre recebeu da Bélgica ocupada informações em virtude das quais se sabe que alguns deportados belgas doentes foram recambiados para suas casas.

Voltaram de Solian, onde ha onze mil deportados belgas que recusam trabalhar para os alemães.

Uma manhã, verificando-se que alguns estavam moribundos, amontoaram-os em um vagão de gado que atrelaram a um vagão de mercadorias. Os 70 infelizes levaram tres noites e tres dias a chegar ao seu destino.

No campo de Soltan davam-lhes esta alimentação apenas: ás seis da manhã, um cosimento de bolota; ao meio dia, meio litro de caldo, muito aguado, feito com poucas cenouras, nabos, camarões e canfora, sem pão nem batatas; ás 3 horas, 250 gramas de pessimo pão, muitas vezes bolorento; á noite, meio litro do tal caldo e um bocado de semente ou de pão miúdo.

Não obstante estes suplicios, os operarios recusam trabalhar. Fazem-lhe as mais seducionas promessas, boa alimentação, augmento de salario; mas a maioria prefere morrer de fome.

Abuso do segredo da confissão

Dizem de Amsterdã que os alemães se aproveitaram da confissão para arranjar segredos a individuos que depois foram condenados á morte.

Os reus não podiam confessar-se a sacerdotes belgas. Mandavam-lhe um padre alemão, que não era tal, mas sim um official do exercito.

Ultimamente um sargento alemão, abusou indignamente da confiança dum pa-

triota belga e obteve dela motivos compromettedores para oito seus patricios. No dia seguinte, esses oito individuos foram presos, julgados e alguns condemnados á morte.

OURO VELHO

Altar do amor

Alva Gertrúria minha, a quem saudoso Mando tremulos ais enternecidos; Gertrúria, que encontrei os meus sentidos Com um meigo riso, co'um olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso, Insensível penedo a meus gemidos, Me exalta sobre os tímidos ouvidos Estas vozes cruéis em tom raivoso:

"Tu que já desfructaste os meus favores, Tu, que na face de Gertrúria bela Nectar bebesta, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a ve-la; Lamenta desditado, os teus amores, Acusa, desgraçado, a tua estrella:,,

BOCAGE.

NOTICIARIO

Entre as senhoras que tomaram parte numa festa israelita ha dias realisa da em Lisboa, encontravam-se sr.^{as} D. Raquel Sabbath e D. Raquel Amram, desta cidade.

— No paquete «Africa» regressou de Moçambique o capitão medico, nosso presado amigo e correligionario sr. Dr. Candido de Sousa.

— Vai ser assinado o decreto exonerando de comandante da escola de marinheiros de Faro o capitão de fragata sr. Pereira Nunes.

— Encontra-se nesta cidade em goso de 8 dias de licença, o leatente sr. Manuel José Serpa, que foi chamado pelo ministerio da guerra para ser incorporado no serviço de metralhadoras a quarteladas em Castelo Branco.

— Vai ser aberto concurso para o preenchimento duma vaga de professor do 2.^o grupo (português e francês) no liceu de Nova Gôa.

Só podem ser concorrentes a essa vaga candidatos europeus.

— Para o lugar de professor de filosofia do liceu de Nova Gôa concorreram, entre outros, dois bachareis da faculdade de letras, sendo um antigo professor do liceu de Vizeu.

— Procurou-nos o nosso presado amigo sr. José Domingos Guieiro, que tem estado gravemente enfermo, queixando-se de que não tenham sido tomadas providencias, que fizessem diariamente a venda de carne aos doentes.

Pedimos providencias sobre o assueto.

— Regressou a esta cidade, com sua esposa e filhinho o sr. Filipe Corte Real.

— Tem estado em Lisboa a fazer concurso para contador o nosso presado amigo sr. Humberto José Pacheco.

— Vai ser exonerado de adjunto do departamento maritimo do Sul o capitão de fragata sr. Ferreira de Sousa, que passa a comandar a escola de marinheiros.

— Fez no dia 7 do corrente 74 anos que nasceu na vila de Albandra o dr. José Tomaz de Sousa Martins, um dos mais illustres medicos portugueses.

— Foram exonerados, a seu pedido, respectivamente de presidente e secretario da comissão de administração dos bens do Estado em Vila Nova de Portimão, os srs. Joaquim Gualdino Pires e João Messias Junior.

— Ainda não foi concedido o giro rural para Santa Barbara de Nexo, o que deveras tem indignado os nossos presados correligionarios daquela localidade.

— Vai ser promovido a capitão de fragata o capitão-tenente sr. Leger Pereira Leite, illustre segundo comandante da Escola de Alunos Marinheiros do Sul.

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

REMEDIO FRANCES



REMEDIO FRANCES

— Em serviço da Companhia Bny parte em breve para a Africa o nosso amigo sr. Manuel Monteiro Mascarenhas.

— Está em Lisboa o sr. Francisco Niculau Canivari, inspector dos impostos neste districto, que ali continúa em tratamento.

Carteira

Façam anos:

Hoje, Domingo, 11.—D. Mariana Sanchez Ortigão, D. Palmira Elisa Brasil, João Rodrigues Pinheiro Centeno e Manuel José de Castro.

Segunda-feira, 12.—D. Adelinda Marcos, D. Augusta Viegas Pinto, José da Costa Bacelar e João Aniceto Fernandes.

Terça-feira, 13.—D. Maria do Carmo Pires, D. Elvira de Oliveira Fonseca, João Ortigão Pires e Manuel da Costa Rosado.

Quarta-feira, 14.—D. Sora Sabat Azancol, D. Manuela Simões de Carvalho, dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, Augusto Carlos Xavier Calmelo e Augusto Forja Junior.

Quinta-feira, 15.—D. Maria Perpétua Ribeiro dos Santos, D. Benedita Cruz Raimundo, Francisco José Pinto e Manuel José Viegas.

Sexta-feira, 16.—D. Laura Adelaide Ferreira, D. Maria Amélia Alves, Candido Pereira dos Santos e José de Melo Pereira de Vasconcelos.

Sabado, 17.—D. Maria da Silva Rebelo, D. Maria da Felicidade Cordeiro Marques, da Costa, Antonio Ferreiras Rodrigues Junior, Manuel Antonio Ramos, João Mendes Campos, e a menina Cremilde de Sousa Prazeres.

Doentes:

Ha dias foi acometido de uma congestão o nosso correligionario sr. dr. Estevão de Vasconcelos.

Desajustes-lhes prontos melhora.

Encontra-se doentes as sr.^{as} D. Elisa Píto Roby, D. Maria Ana Ramos, D. Beria Lopes, a menina Maria Ramalho e os srs. Augusto Pires Alberto Marques e o menino Luciano Pantoja Soares.

Necrologia:

Faleceram: em Holliqueima a sr.^a D. Maria da Gloria da Costa Oliveira a Bomba.

Em Tavira as sr.^{as} D. Maria das Candeias Pires, D. Maria de Azevedo Coutinho Silva, D. Elisa Braga, D. Maria Rita Palarata, a menina Maria Julieta Frangalho e os srs. Antonio Pires Batista, Gonçalo José e Marcelino Doreis.

Em Mortola a mãe do sargento sr. Manuel Vaz. Em Porches o reverendo Antonio da Silva Martins.

5.º—Aplicar a pena de expulsão a socios, e autorisar contratos que não sejam da competencia dos corpos administrativos.

6.º—A assembleia geral é sempre competente para intervir, tratar e resolver todos os assumptos da sociedade, não contrariando o presente estatuto e a legislação em vigor.

Artigo 64.º—Compete ao presidente:

1.º—Convocar as reuniões da assembleia e dar posse aos novos eleitos.

2.º—Assinar os titulos nominativos;

3.º—Convidar os socios para substituir os secretarios.

4.º—Assinar as actas, e convocar as reuniões dos corpos gerentes.

Artigo 65.º—Compete aos secretarios:

Fazer o expediente da mesa, lavrar e assinar as actas das sessões; ter a sua guarda e responsabilidade o arquivo da assembleia, e enviar ao presidente da direcção copia das proposlas sobre as quais teha de se pronunciar.

—CAPITULO XI—

—Eleições—

Artigo 66.º—A assembleia geral compete eleger annualmente por escrutinio secreto, os socios que hão de exercer os cargos, sendo permitida a reeleição.

Novidades literarias

MEMORIA

do 1.º Congresso das Obras Católicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do Avelar—no 1.º centenario do seu fallecimento 1816—1916

celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, relatorios das diferentes associações de instrução, piedade e caridade estabelecidas no Algarve, e uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida fotografia gravura de D. Francisco Gomes e um mapa topografico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 130 na Tipografia «União»—Rua Tenente Valadim—Faro—e nas Livrarias da cidade.

ANUNCIO

Pelo juizo de Direito da Comarca de Faro, e cartorio do quarto officio, por sentença de 7 de Dezembro de 1916, que transitou um julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre Joaquina da Conceição do sitio, da Mesquita Alta, freguezia de S. Braz, desta comarca e José Pedro Guerreiro do mesmo sitio; o que se annuncia para os termos e efeitos legais.

O escrivão do 4.º officio

Francisco José Bernardino de Brito

Verifiquei:

O Juiz de direito

L. Leitão.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos registados na Conservatoria do Registo Civil de Faro, desde 2 a 9 de Março de 1917:

Nascimentos.....	15
Casamentos.....	3
Obitos.....	1

Moto F. N.

4 cilindros em bom estado vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Enxofre Americano a receber brevemente Vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Alviçaras

Dão-se a quem entregar nesta redacção um diamante, que se perdeu na Igreja da Sé, por occasião da festa do passado domingo.

Senhora

Em casa particular recebe-se uma senhora para ser tratada como pessoa de familia.

Dirigir-se a esta redacção.

Batata

Muito boa para semente, vende-se qualquer quantidade a 900 reis a arroba.

Pedidos a Carlos Gonçalves.

Castro Marim.

Estanho

Vende-se.

Garcia R.—R. do Ouro 274.

Lisboa.

Serras de Fita, Cravadeiras e Balancés

Para fabricas de conserva, compram-se usados:

Dirigir-se a José J. M. Adelino Pereira.

Loulé.

Trespassa-se ou aluga-se uma casa baixa e altos, na rua D. Francisco Gomes 24-26, quem pretender dirija-se a João Lopes do Rosario.

Casa

Com oito ou dez compartimentos espaçosos, precisa-se. Carta a esta redacção.

Cooperativa «Previdente»

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Sede em Faro

—Estatutos—

§ 4.º—Cada socio só tem um voto, embora seja portador de mais de uma acção.

§ 5.º—Em caso algum um socio se poderá representar por outros para os efeitos de votação.

Artigo 58.º—A mesa da assembleia geral, é constituída por um presidente e vice-presidente, dois secretarios e dois vice-secretarios.

Artigo 59.º—A assembleia reúne ordinariamente duas vezes cada ano: Uma, no primeiro trimestre, para apresentação do relatório e contas do ano findo; e outra na segunda semana de Dezembro para eleição dos corpos gerentes.

Artigo 60.º—A assembleia geral pôde reunir extraordinariamente, convocada pelo presidente: 1.º a pedido da direcção ou do conselho fiscal; 2.º Sempre que o presidente entender necessario; 3.º A pedido justificado de doze socios pelo menos, dirigido ao presidente.

Artigo 61.º—As convocações da assem-

bleia geral serão feitas com quinze dias de antecedencia por avisos directos ou afixados.

Artigo 62.º—Todas as deliberações são tomadas por maioria.

§ 1.º—Quando se tratar de assunto grave que implique alteração dos estatutos ou resolução de interesse administrativo, deve ser antes tomado conhecimento desse assunto, com antecedencia não inferior a quinze dias, com parecer escrito dos corpos gerentes.

§ 2.º—A assembleia só se occupará dentro do tempo da ordem dos trabalhos, dos assumptos para que foi convocada, sendo nulas as deliberações contrarias a este disposto.

§ 3.º—A assembleia illegalmente constituída não poderá deliberar.

Artigo 63.º—Compete á assembleia geral:

1.º—Eleger os membros dos corpos gerentes.

2.º—Disentir, modificar ou anotar os relatorios e balanços annuaes.

3.º—Alterar, em caso extremo, o estatuto, interpellar os pontos confusos e resolver as reclamações do Conselho fiscal.

4.º—Revogar o mandato aos membros da direcção; quando se verificar irregularidade, e independente do procedimento criminal.

3.º—Ter servido em ano anterior;

4.º—Impedimento justificado de serviço profissional.

—CAPITULO XII—

—Direcção—

Artigo 73.º—A direcção é composta de cinco membros, que desempenharão gratuitamente as suas funcções.

§ Unico—Quando o estado prospero e o desenvolvimento da cooperativa o permitir, poderá a assembleia geral arbitrar uma gratificação a cada um dos membros da direcção, na razão de 50000 escudos para cada um deles, com excepção do director—gerente cuja gratificação não será inferior a 100000 escudos.

Artigo 74.º—A direcção reúne, pelo menos uma vez em cada semana, em dia e hora fixo, sem prévio aviso, sendo obrigatorio o minimo de três socios para que as suas resoluções sejam validas.

Artigo 75.º—A primeira reunião deve effectivar-se em seguida á posse, e nela será escolhido por eleição o gerente, bem como o presidente que por sua vez nomeará o secretario.

Continúa.

